

# *O Inquiridor e as Dificuldades na Obtenção de Respostas para o Atlas Linguístico do Brasil: o caso de *doído**

Vanderci de Andrade **AGUILERA\***  
Mariana Spagnolo **MARTINS\*\***

\* Doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis (1990). Pós-doutora pela Universidade de Alcalá (UAH). Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Pesquisadora PQ 1D do CNPq. Contato: vanderci@uel.br.

\*\* Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina (2017). Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina. Contato: mariana.spagnolo@hotmail.com.

## **Resumo:**

Este estudo está relacionado à metodologia do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), projeto de pesquisa interinstitucional que busca descrever a realidade linguística brasileira por meio de registros dialetais obtidos em 250 localidades distribuídas por todas as regiões do país. Devido à crescente expansão de pesquisas de natureza lexical, fonético-fonológica, morfológica, pragmática e tantas outras realizadas com base no banco de dados do Projeto ALiB, este artigo tem como objeto de análise a metodologia desse projeto e propõe: (i) analisar as respostas dadas à questão 138 do Questionário Fonético-Fonológico do ALiB pelos informantes das capitais das Regiões Norte e Sul; (ii) discutir as dificuldades encontradas pelos inquiridores na obtenção das respostas; e (iii) verificar as estratégias utilizadas pelo entrevistador para obter o item desejado. Para tais objetivos, serviram de base os estudos de Pop (1950), Buesa Oliver e Flórez (1954), Aguilera (1992, 1998, 2000), Brandão e Moraes (1998), Pontes e Aguilera (1999), Aguilera, Amâncio e Paes (2003) e Aguilera e Yida (2008). O estudo indicou que, em ambas as regiões brasileiras, e particularmente na Região Sul, os informantes sentiram a dificuldade de registrar de imediato, como primeira resposta, a forma *doído*. Demonstrou, também, que não há como prever a possibilidade de o informante, apesar de conhecer o nome em questão, usá-lo em outro contexto que não seja o de nomear uma pessoa furiosa ou agressiva. Não se pode descartar, todavia, a dificuldade do entrevistador de, no momento da entrevista, reformular a questão de modo a deixá-la mais clara para o informante, tendo em vista que cada informante é único e traz uma história única.

## **Palavras-chave:**

Projeto ALiB. Questão 138 do Questionário Fonético-Fonológico. Estratégias do inquiridor nas Regiões Norte e Sul.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 1, p. 72-88, abr. 2018*

*Recebido em: 20/09/2017*

*Aceito em: 23/01/2018*

# O Inquiridor e as Dificuldades na Obtenção de Respostas para o Atlas Linguístico do Brasil: o caso de *doido*

Vanderci de Andrade Aguilera; Mariana Spagnolo Martins

## INTRODUÇÃO

Coletar os dados em pesquisa geolinguística é uma tarefa muito complexa que sempre preocupou os estudiosos da área, pois essa etapa envolve uma série de tomadas de decisão, desde a escolha do objeto e dos objetivos da pesquisa, passando pela definição e elaboração dos instrumentos de recolha dos dados, a escolha dos pontos a serem investigados, até a preparação e atuação do(s) inquiridor(es) no campo, entre outros. O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), recentemente lançado (CARDOSO et al., 2014a, 2014b), trouxe à luz os dois primeiros volumes: o da Introdução (vol. I) e o das Cartas Linguísticas 1 (vol. II), com os dados das capitais referentes a alguns fenômenos fonéticos, como a realização de /t/ e /d/ diante de vogal alta anterior e o /r/ em coda silábica interna e externa, além de cartas lexicais, morfossintáticas e prosódicas.

O Questionário Fonético-Fonológico – QFF (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) procurou abarcar o maior número possível de casos de variação fonética no português falado do Brasil, dentre elas a possibilidade de variação do contexto /id/, /it/, como em *doido*, *peito*, no caso de fricativização da oclusiva desencadeada pela hipérese ou expansão da vogal alta para a sílaba seguinte, como no item *doido*>*dodjo*>*doidjo*, obtido mediante a pergunta 138 do QFF; e em *peito*>*petcho*>*peitcho* resultante da questão 117 do QFF.

Para obter os dados fonéticos, o ALiB elaborou 159 questões formuladas de acordo com os seguintes modelos<sup>1</sup>: (i) *naming question* (denominação), a mais simples, quando se aponta ou mostra o objeto ou o desenho correspondente. No QFF do ALiB, temos, por exemplo, a questão 89- *azuk*: “*Que cor é esta? Mostrar*”; (ii) *completing question* (complementação), usando entonação adequada para o informante completar, como a questão 20- *ruim*: “*Uma comida pode estar boa ou...?*”; (iii) *talking question* (conversação), para designação simples, consiste na inclusão do maior número de semas do objeto a ser denominado para facilitar a sua decodificação, evitando induzir a resposta. Também chamada de descritiva, essa modalidade é usada para obter designações simples, como a questão 138 do QFF, que busca a palavra a

---

<sup>1</sup> Segundo Rector (1983, p. 13), este método foi empregado por Orton e Dieth na elaboração do Atlas Linguístico da Inglaterra. As outras duas modalidades de perguntas não constam do QFF do ALiB: (iv) *converting question* (conversão), usada para formas verbais; e (v) *reverse question* (reversão), também chamada de teste de identificação ou sugestão de resposta (sugerência, para THUN, 1998).

resposta ‘doido’, e é assim formulada: “*Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no hospício?*”. O objetivo dessa questão é verificar diatopicamente a realização do segmento final *-/do/* ou */djo/-*, este último comprovado em regiões do Nordeste brasileiro em estudos dialetais anteriores<sup>2</sup>.

As primeiras entrevistas realizadas pela equipe do ALiB demonstraram a dificuldade de obter prontamente a resposta para a questão 138 do QFF e instigaram os entrevistadores a elaborar algumas estratégias que levassem ao item desejado. Assim, ciente da complexidade de cada etapa do trabalho geolinguístico, principalmente quanto às questões do QFF, que exigem uma única resposta, este artigo elege como objeto de estudo o comportamento do entrevistador diante da dificuldade de obtenção de uma resposta e propõe: i) descrever e analisar as respostas dadas, pelos informantes de seis capitais da Região Norte (002- Macapá, 003- Boa Vista, 006- Manaus, 012- Belém, 020- Rio Branco e 021- Porto Velho) e da Região Sul (220- Curitiba, 230- Florianópolis e 245- Porto Alegre) à questão 138 do QFF; (ii) discutir as dificuldades encontradas pelos inquiridores na obtenção das respostas; e (iii) verificar as estratégias utilizadas pelo entrevistador para obter o item desejado.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E A PESQUISA DIALETOLÓGICA

Dentre os muitos desafios que envolvem a pesquisa dialetológica, a escolha do(s) inquiridor(es) para a realização da pesquisa *in loco* não é uma decisão consensual entre os especialistas. Para o Atlas Linguistique de la France – ALF, publicado entre os anos de 1902-1910, Gilliéron contou com a ajuda de um único inquiridor, Edmond Edmont, que, de acordo com o autor, “*tinha grande aptidão para captar a variação fonética dos sons e para transcrevê-la com uma exatidão espantosa*” (apud POP, 1950).

A equipe coordenadora do Atlas Linguístico e Etnográfico da Colômbia, por sua vez, tratando da preparação dos investigadores, expõe:

Aunque reconocemos las ventajas del explorador único, desde el primer momento nos vimos obligados a abandonar este loable principio: era imposible materialmente que un solo encuestador pudiera recorrer en poco tiempo el vasto territorio de Colombia, so pena de que la instantaneidad o sincronismo de la cosecha, factor éste de enorme importancia cuando se estudia a fondo un territorio, fallase. A pesar de todos sus inconvenientes, se penso que las encuestas del ALEC serían realizadas por un equipo de recolectores, cuyo número se fijó en seis, más dos auxiliares para cubrir cualquier vacío producido por enfermedad, retiro voluntario o forzoso, etc. (BUESA OLIVER; FLÓREZ, 1954, p. 149).

---

<sup>2</sup> Alguns estudos também registraram a forma palatalizada com a hipértese da vogal alta junto a falantes mais idosos em Florianópolis.

Além da importância da figura do inquiridor na realização de pesquisas diretas de qualquer natureza, sobretudo em geolinguística, outro desafio é a escolha do instrumento de coleta de dados. Analisando a metodologia dos primeiros estudos dialetológicos na França, Pop (1950, p. 42) expõe que o Padre Rousselot considera a conversação com pais e amigos o melhor meio de registrar o vernáculo, porém para obter alguns fatos de linguagem que aparecem mais raramente, seria preciso provocá-los, “mas é necessária uma arte bem sutil, uma diplomacia bem exercida, para obter, sem violência, as formas buscadas”. A Sociolinguística, quase um século depois, também iria defender a importância da narrativa de experiência pessoal para o registro do vernáculo. Da mesma forma, a Geolinguística, no Brasil, vem discutindo as formas de abordagem do informante e os procedimentos a serem adotados pelo entrevistador para obter, do modo mais espontâneo possível, as respostas adequadas a cada questão e segundo o objetivo de cada uma delas.

Uma vez definido o método de coleta e optando-se pelo questionário estruturado, outro dilema se coloca para o pesquisador: como selecionar os itens que deverão compor esse instrumento? É claro que o dialetólogo gostaria de incluir o maior número possível de itens lexicais e de abranger todos os campos semânticos de uma língua ou cultura. Diante dessa impossibilidade, é preciso rever os objetivos da pesquisa e selecionar, com muito critério, o que deverá ou não compor o questionário. Finda essa tarefa e definido o perfil do entrevistador ou do grupo de entrevistadores, bem como a sua preparação, o pesquisador irá voltar-se para a forma de aplicação do questionário, a fim de obter uma amostra confiável.

Acerca da aplicação do questionário para o Atlas Linguístico e Etnográfico da Colômbia, Buesa Oliver e Flórez (1954, p. 164) esclarecem:

Procuramos plantear cada pregunta siempre del mismo modo en todas las localidades, ya que si se cambia aquélla, también se altera la respuesta. Con el fin de que ésta sea más espontánea y auténtica, y el informador no esté influido por el explorador, hacemos las preguntas en unos casos con métodos indirectos: gestos, rodeos o perífrasis, etc. Para determinados aspectos léxicos, utilizamos con éxito álbumes de fotografías y dibujos como medio de hacer reconocer los objetos, aunque algunas de sus partes sólo estarán completas cuando se termine la encuesta preliminar. No siempre podemos registrar las respuestas indirectamente; entonces, antes que dejarlas en blanco, las obtenemos presionando directamente al individuo. En todos los casos, se anota, al lado de cada respuesta, un signo auxiliar indicador del procedimiento usado para provocarla y del modo de reaccionar cada informante; gracias a estos signos (vid. pág. 179), el lingüista, cuando examine los resultados, estará en condiciones de comparar y explicar correctamente cada respuesta. Intentamos copiar la primera contestación que nos da el sujeto; si, por cualquier causa, nos vemos obligados a que la repita, mencionamos este detalle.

Brandão e Moraes (1998, p. 107) expõem que Pickford, ao criticar os primeiros resultados do Linguistic Atlas of New England (LANE), alega que os questionários do LANE teriam sido mais produtivos se, além da extensão dos questionários, fossem revistas a má redação de algumas de suas perguntas e a forma de sua aplicação. Essas duas deficiências

(má redação e forma de aplicação das questões) podem ser observadas em quaisquer questionários de pesquisa dialetológica e foram motivo de preocupação para a equipe diretora do Atlas Linguístico do Brasil que, ao construir o instrumento de coleta de dados, tomou as seguintes medidas: (i) não elaborar um questionário demasiado longo, para não cansar o informante, evitando assim um alto número de abstenções ou respostas inadequadas; (ii) aplicar o instrumento de coleta de dados a um grande número de falantes das mais diversas regiões brasileiras, sob a forma de projeto-piloto, para verificar produtividade, clareza, objetividade e viabilidade de cada questão, bem como a reação dos informantes e a postura do inquiridor diante de questões mais complexas.

Na versão definitiva dos questionários, os integrantes do Comitê Nacional buscaram testar, junto aos informantes de diversas regiões, a inteligibilidade de cada elemento da frase, pois nem sempre o mesmo item lexical possui o mesmo significado em todas as regiões do país. Para ilustrar, registramos que o ato de colher uma fruta, por exemplo, pode ser expresso diferentemente conforme o fruto, a região ou o nível de escolaridade do falante: *apanhar*, *derrubar*, *cortar*, entre outras, invalidando as demais. No Rio de Janeiro, por exemplo, um condutor de carro *corta* outro veículo ao ultrapassá-lo, mas, no Paraná, ele o *poda*. Essas sutilezas, é óbvio, só serão incorporadas pelo entrevistador depois de muitas consultas a dicionários regionais, a obras dialetológicas e muitas pesquisas de campo (AGUILERA, 2000).

Aguilera (2000, p. 184) expõe que foram necessárias várias reformulações dos questionários do ALiB até chegar à forma definitiva; aliás, a Editora da UEL publicou três edições: a de 1998 e a de 2000, em tiragem restrita; e a de 2001, para uso de toda a coletividade acadêmica. Cada uma das versões foi aplicada, tanto por pesquisadores experientes como por iniciantes, em localidades de vários estados e seus resultados foram amplamente discutidos em dois Workshops (Salvador, 1999, e Londrina, 2000), de tal forma que cada questão, apenas depois de revista e refeita, é que passou a integrar a versão final, de 2001 (COMITÊ..., 2001).

Para a versão final dos questionários, os pesquisadores sugeriram a reordenação das questões, agrupando-as, na medida do possível, por campo semântico, para facilitar ao informante a associação de ideias, evitando-se a passagem brusca de um tema para outro.

Além de entender que o sucesso de uma entrevista não depende apenas de um adequado instrumento de coleta de dados, mas, diante da impossibilidade de indicar apenas um investigador para se deslocar para os 250 pontos e proceder às 1100 entrevistas – conforme fizera Gilliéron, em 639 localidades, para o Atlas Linguistique de la France –, o Comitê Nacional estabeleceu que a equipe de pesquisadores de campo não seria muito numerosa, a fim de obter uma amostra o mais homogênea possível. Quanto às decisões do ALiB sobre o assunto, Silva e Aguilera (2009, p. 336) expõem:

De acordo com a ata das primeiras reuniões do Comitê, decidiu-se que cada regional contaria com apenas dois inquiridores. Pouco a pouco, chegou-se à conclusão de que o

grande número de pontos atribuídos a cada regional e a ausência de um financiamento global inviabilizavam tal medida. Assim, já na ata da reunião de 6 de outubro de 1999, sugeriu-se que o número total de inquiridores, devidamente preparados, não excedesse a 20, que, posteriormente, foi estendido para 30 pesquisadores em todo o Brasil.

A direção do ALiB sempre insistiu no fato de o investigador ter completo domínio dos questionários e dos objetivos de cada questão antes de se dirigir ao campo. Da mesma forma, o entrevistador deveria ter ciência de que o Questionário Fonético-Fonológico exigia do informante apenas a resposta do *caput* da questão para apurar a realização de cada variável (registro do /s/ em coda interna, em *fósforo, casca, escola, rasgar*, e do /r/ em coda, como em *gordura, fervendo, borboleta, tarde*, por exemplo), ao contrário do Questionário Semântico-Lexical, que previa múltiplas variantes lexicais de acordo com as variáveis local de origem, sexo, faixa etária ou grau de escolaridade do informante. Não se ignora, também, que muitas vezes o insucesso de uma pesquisa, ou o pouco rendimento dos inquéritos, podem estar relacionados à falta de habilidade do inquiridor, à forma de abordar o informante, à maneira de se colocar diante dele, seu tom de voz e sua reação diante do silêncio e dos equívocos do informante.

Há quase duas décadas vimos questionando a postura do entrevistador e as formas de aplicação de questionários voltados para a pesquisa geolinguística. Em um de seus primeiros artigos sobre o Atlas Linguístico do Brasil, Aguilera (2000), tratando do número de questões constante dos instrumentos de coleta de dados em pesquisas de natureza dialetal, afirma que “o mais importante não é o número de questões a ser proposto, mas que o êxito de uma pesquisa dialetológica, e mais especificamente geolinguística, depende da formulação inequívoca das questões” (p. 184-185).

Analisando as dificuldades de obtenção de respostas em 18% das questões, durante as primeiras entrevistas do Projeto-piloto, Pontes e Aguilera (1999) esclarecem que essas dificuldades poderiam ser de naturezas distintas: (i) busca da denominação de referentes da vida rural, como *restolho, forquilha, canga, cangalha, balaio*. Lembramos que o ALiB traz como proposta um atlas urbano, isto é, os informantes devem ser moradores da cidade e não do campo. Por isso, essas questões, por não serem do conhecimento de mundo do falante, ficavam sem resposta ou eram respondidas inadequadamente; (ii) questões muito longas, dificultando a apreensão imediata do objetivo da questão; e (iii) perguntas formuladas por meio de semas que poderiam levar à ambiguidade, entre outras.

## **DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 138 DO QFF – DOIDO NAS CAPITALS DA REGIÃO NORTE**

Por se tratar de questão fonético-fonológica, com a 138 do QFF pretende-se obter respostas que ilustrem a palatalização ou não, por exemplo: [ˈdoido], [doˈdjo] e [ˈdoidjo]. Quando o inquiridor faz a pergunta “*Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa,*

*agressiva, precisa até ser internada no hospício?*”, espera que a resposta seja apenas “doido ou doida”, para, assim, poder realizar a análise fonético-fonológica desse item e proceder à sua distribuição espacial na carta correspondente.

Nas seis capitais da Região Norte, foram necessárias até quatro reformulações da questão para obter o item lexical *doido(a)*, uma vez que muitos informantes registravam, de imediato, uma série de parassinônimos, antes de se referir à variante desejada. No total, foram obtidas 112 respostas computadas desde a 1ª até a 5ª respostas, dentre elas, as mais frequentes foram: *doido(a)*, com 48 respostas e *louco(a)*, com 29. Além dessas, com um número menor de ocorrências, obtivemos: *débil mental* com 4 respostas; e *doente mental, maluco* e *pirado(a)*, com 3 cada; *raiva, nervoso(a), perturbado* e *tantã*, com 2 cada; e 14 ocorrências únicas: *abestado, abestalhado, bilelén, brava, descompensado, descontrolado, desequilibrado, doidice, esquizofrênico, estressado, ignorante, lelé, psicótico* e *variada*.

Na primeira resposta, a forma *louco(a)*, com 20 registros, superou a variante *doido(a)*, com 18 ocorrências. Na reformulação ou insistência na pergunta, foram obtidas 21 ocorrências da variante buscada, totalizando 41 respostas dentre os 48 informantes. As outras 7 foram elicitadas como: 3ª resposta (4 ocorrências), 4ª resposta (2 ocorrências). O último registro foi extraído de dois excertos da entrevista com a informante 4 de Boa Vista<sup>3</sup>, que não conseguiu encontrar a resposta esperada durante a aplicação do QFF, apesar da insistência da entrevistadora. A primeira ocorrência deu-se na resposta à questão 80 do QFF que indaga: “*Pra ganhar dinheiro, o que é preciso fazer?*”. A informante aproveita para relatar sua luta para criar, sozinha, os três filhos:

As minina na escola, mandei pá Belém. O pessoal: ‘Ah! vai mandá tuas filha pá Belém, vão morrê de fome, vão cá na gandaia, vai sê isso, vai sê aquilo?’ Eu só comigo, eu digo: ‘Eu não vô atrás de cabeça de ninguém. Eu vô fazê aquilo que o meu coração pedi’. Mandei as minina. Eram *doida*, desde pequena, eu tinha uma que queria sê médica.

O segundo registro foi extraído do Relato Pessoal da informante, que expõe:

E eu deitei na cama da minha tia dibruçada, até era de tarde, era assim uma quato hora da tarde já. Aí eu, minha tia lá pela cozinha: ‘Lecí, vem pra cá, num chora!’ ‘O que que tu tem?’ Me oferecia uma coisa, me oferecia ota. Às vezes ela me ofricia coisa, eu *doida* de vontade, mai num quiria, eu tava chorando ali (risos).

Essas respostas espontâneas demonstram que o item *doido* faz parte do vocabulário ativo da informante de Boa Vista, mas que a formulação da pergunta não a levou a associar os semas da questão com seu conhecimento de mundo. Com efeito, no primeiro excerto, a

---

<sup>3</sup> Os informantes são identificados por numerais de 1 a 8 da seguinte forma: de 1 a 4 – informantes do nível fundamental de escolaridade; de 5 a 8, de nível universitário; os de número ímpar são os homens (1, 3, 5 e 7), os de número par, as mulheres (2, 4, 6 e 8).

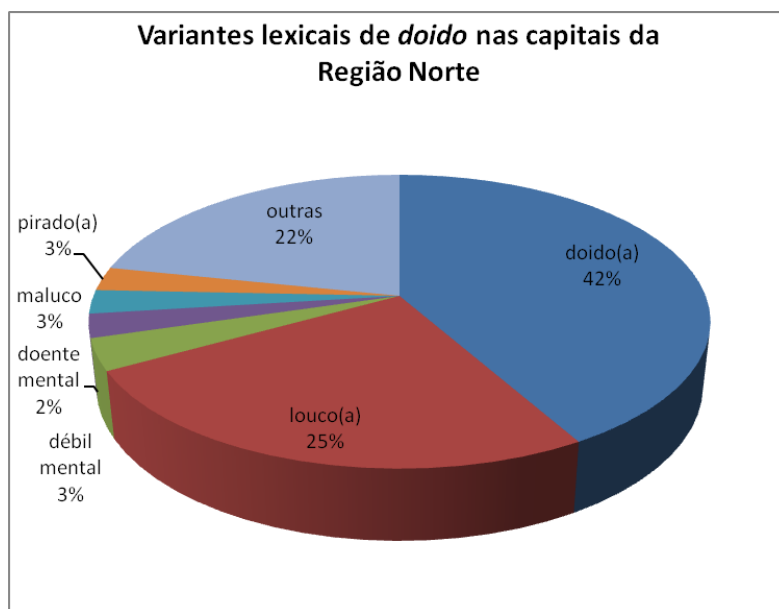
forma *doida* significa *sonhadora, arrojada*; no segundo, *ávida, desejosa*, sem qualquer relação com o indivíduo que fica furioso, agressivo, precisando até ser internado em hospício. Sua única resposta para a pergunta 138 foi *débil mental*.

Devido às inúmeras possibilidades de preenchimento da resposta com parassinônimos de *doido*, observamos, na seleção dos dados, que alguns informantes (002/5, 002/7, 003/7, 006/2, 006/6, 012/1, 012/5, 020/7, 021/2, 021/8)<sup>4</sup>, a maioria com nível universitário, elicitaram de três a cinco respostas. Essa observação já havia sido feita por Aguilera e Yida (2008), quando as autoras analisaram respostas e não respostas de informantes das capitais brasileiras. Em 2014, Aguilera reforça a ideia da dificuldade de obtenção de alguns itens, ao reiterar que

A forma buscada não é a única que pode preencher a descrição formulada na pergunta, como na questão 100 para Companheiro, que pode levar a *amigo, colega, parceiro*; ou na questão 138 para Doido, resposta que pode ser preenchida por inúmeras variantes: *louco, maluco, biruta, pinel, ruim da cabeça, estressado, nervoso, totoca* (AGUILERA, 2014, p. 95).

Reunindo as 112 ocorrências distribuídas pelas 24 variantes coletadas, elaboramos o Gráfico 1, que traz, em destaque, as duas variantes lexicais mais produtivas (*doido, louco*) e as demais com índices abaixo de 4%, reunindo em *outras* as ocorrências únicas.

**Gráfico 1** – Percentuais das respostas dadas à questão 138 do QFF nas capitais da Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB.

<sup>4</sup> Lembramos que cada localidade da rede de pontos do ALiB é identificada por um número. Na Região Norte, temos: 002- Macapá, 003- Boa Vista, 006- Manaus, 012- Belém, 020- Rio Branco, 021- Porto Velho. Na Região Sul: 220- Curitiba, 230- Florianópolis e 245- Porto Alegre.



## DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS DADAS À QUESTÃO 138 DO QFF – *DOIDO* NAS CAPITALS DA REGIÃO SUL

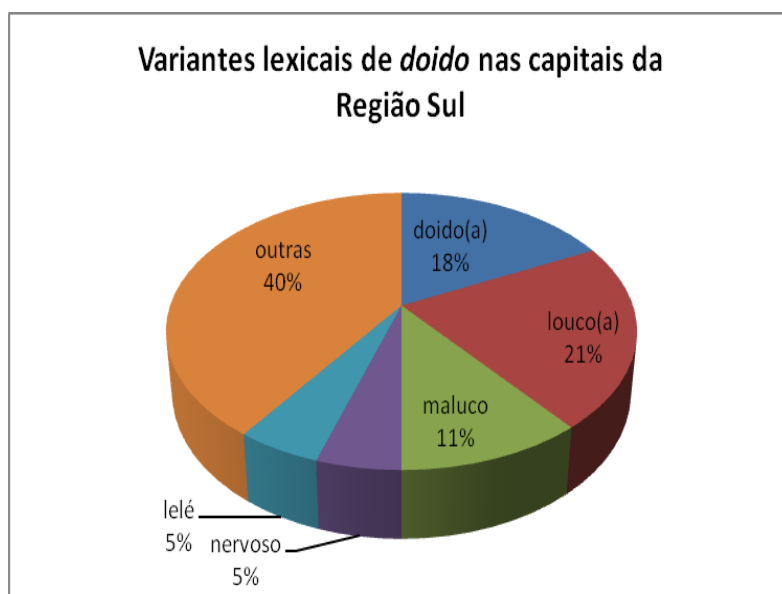
A partir dos dados das três capitais da Região Sul (Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba), computamos 100 respostas, que vão desde a primeira até a 8ª respostas. Os dados revelam a seguinte distribuição das variantes nas capitais dessa região: 22 ocorrências para *louco(a)*; 18 para *doido(a)* e 11 para *maluco(a)*; com menor ocorrência: *nervoso(a)* e *lelé*, com 5 registros cada; *desequilibrada*, *descontrolado(a)*, *raivoso(a)* e *pirado(a)*, com 3 cada; *brabo(a)*, *biruta*, *doente/doente dos nervos* e *incontrolado*, com 2 cada; e 19 ocorrências únicas: *agitado*, *agressiva*, *desesperada*, *destrambelhado*, *desvairado*, *drogado*, *furioso*, *histérico*, *insano*, *irado*, *irritado*, *lesado*, *noiado*, *paranoia*, *paranoico*, *raiva*, *retardado*, *ruim* e *tantã*.

Os resultados de primeira resposta, assim como na Região Norte, destacam um uso maior da variante *louco(a)* do que do item *doido(a)*. Este item lexical, ao contrário do que ocorreu nas capitais nortistas, não foi registrado como primeira resposta, somente a partir da segunda. A predominância na Região Sul é de *louco(a)*, com 22 ocorrências como primeira resposta. Na insistência ou reformulação da questão, obteve-se uma variedade significativa de parassinônimos. Dos 18 registros para *doido(a)*, observamos que seis foram obtidos como 2ª resposta; quatro como 3ª e 4ª; dois como 5ª, um como 6ª e um como 7ª respostas. Nas 3ª e 4ª respostas os informantes acrescentaram o adjetivo *varrido* ao substantivo: *doido(a) varrido(a)*.

Os inquiridores utilizaram o recurso da retomada ao final da entrevista em seis dos 24 inquiridos das capitais da Região Sul: em Curitiba, com os informantes 01, 02 e 04; e em Florianópolis, com os informantes 01, 03 e 04. Dessas retomadas, houve dois casos de não respostas: informante 1 (homem jovem, de ensino fundamental) e informante 4 (mulher da faixa etária II, do ensino fundamental) de Florianópolis que apresentaram as variantes *nervoso*, *maluco*, *louco*, *destrambelhado* e *lelé*. A informante 8 de Curitiba (mulher da faixa etária II, com nível superior) registrou, em cada reformulação: *louca*, *desequilibrada*, *nervosa* e *desesperada*, sem a elicitación de *doido(a)*. Em Porto Alegre, em duas situações o inquiridor sugeriu a resposta às informantes (04 e 08) por meio da primeira sílaba do item lexical que, por esse motivo, não foram computados no *corpus* como respostas válidas.

Para visualizar os resultados obtidos na Região Sul, elaboramos o Gráfico 2, no qual computamos os dados das 32 variantes apresentadas, com saliência para as mais produtivas (*louco*, *doido*, *maluco* e *lelé*) e amalgamando, sob a rubrica *outras*, as ocorrências únicas ou com baixa produtividade.

**Gráfico 2** – Percentuais das respostas dadas à questão 138 do QFF nas capitais da Região Sul



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB.

#### **DIFICULDADES DE ELICITAÇÃO DA RESPOSTA PARA A QUESTÃO 138 DO QFF – DOIDO E AS ESTRATÉGIAS USADAS PARA A SUA OBTENÇÃO**

Em ambas as regiões brasileiras, em especial na Região Sul, verificamos a dificuldade da maioria dos informantes para registrar de imediato, como primeira resposta, a forma *doido*. Não se pode afirmar que a questão não esteja bem formulada para a obtenção da variante pretendida, pois ela se constrói com o auxílio dos semas: *pessoa, agressiva, violenta, hospício* que correspondem ao conceito buscado. Trata-se de uma condição que pode ocorrer em qualquer ambiente, sem estar restrita à área rural, como acontece com itens buscados em outras questões dos questionários; também não é uma pergunta longa, que possa levar à dispersão do objetivo da questão. Uma explicação plausível é a possibilidade de esse estado mental poder ser designado por meio de diversos nomes com o mesmo valor de verdade, podendo, para tal, concorrer um número bastante amplo de variantes sem se desviar do conceito buscado. Essa assertiva se comprova pelo elevado número de parassinônimos obtidos. Pode-se cogitar, também, que os semas elencados não correspondem ao conceito internalizado pelo falante, tal qual ocorreu com a informante 4 de Boa Vista, conforme expusemos.

A questão 138 suscitou, como vimos, mais de três dezenas de itens lexicais que variam desde nomes científicos para doenças psíquicas, como *doente mental, esquizofrênico, estressado, histérico* e *psicótico*, como nomes de uso coloquial, às vezes eufêmico, como *agitado, bravo, descompensado, descontrolado, desequilibrado, desesperado, doente, furioso, insano, irritado, maluco, perturbado* e *variado* (por *desvairado*) e nomes jocosos, ou da gíria popular, como *abestado,*

*abestalhado, bileléu, biruta, destrambelhado, lelé e tantã*, além de remeter a casos de surtos psicóticos provocados por drogas ilícitas, como *noiado, drogado* e mesmo repetindo o item que consta da pergunta, como *agressivo*. Algumas formas parecem se desviar do propósito da questão, como *doidice, raiva, débil mental e ignorante*. Os dois primeiros por tratarem-se de substantivos quando se esperava um adjetivo e os outros dois por não conterem em seu significado os semas da pergunta.

O concurso de inúmeras formas com o mesmo valor de verdade encontra respaldo em obras lexicográficas, como os dicionários de Caldas Aulete (1958) e de Houaiss e Villar (2009). No verbete *doido* consta “Que ou aquele que age insanamente, apresentando sinais de loucura; *louco, maluco*” (HOUAISS; VILLAR, 2009) ou “Que perdeu a razão, falta de juízo, *louco, alienado*” (AULETE, 1958). Portanto, essa proximidade semântica dos itens lexicais pode ter contribuído para a convergência de índices de frequência muito próximos para as formas *doido* e *louco*.

Como já mencionamos, o inquiridor precisa estar preparado para enfrentar os obstáculos que podem surgir durante a pesquisa de campo, insistindo ou reformulando a questão, lançando mão de analogias, situações do cotidiano ou de perigo, entre outras estratégias, até obter a resposta adequada.

Analisando as estratégias usadas em ambas as regiões e por diferentes inquiridores para chegar ao item desejado, verificamos que, em síntese, após a resposta inadequada, o entrevistador: (i) inquire sobre ‘outro nome’ para aquela pessoa; (ii) sugere uma situação em que alguém expõe a própria vida ao perigo; (iii) recorre ao sema ‘hospital’.

#### Diálogo 1

INQ.- Como se chama uma pessoa que, às vezes, fica furiosa, agressiva e precisa até ser internada num hospício?

INF.- *Louco*.

INQ.- Que outro nome a gente poderia dar pra ela, além de ...de louco? A gente diz ah ele ficou?

INF.- *Abestado... abestalhado* (risos).

INQ.- Às vezes a pessoa vai fazer alguma coisa que é perigosa assim, a gente fala você não é...de fazer isso. O que a gente pode dizer, você não é...?

INF.- *Medroso*.

INQ.- É a mesma coisa que louco. Eu posso dizer louco, abestado, o que mais?

INF.- *Atrevido*, não.

INQ.- Aquele que tem, a gente fala assim: ah, esse aí é um hospital de ...

INF.- *Doido*.

INQ.- Aham (risos).

(Informante 5 – Rio Branco)

No primeiro diálogo, o inquiridor inicia a pergunta exatamente como o Questionário sugere, no entanto, o informante traz várias contribuições, como *louco*, *abestado*, *abestalhado* até chegar a *doido*, quando o entrevistador se refere a um tipo especial de hospital. Foram necessárias, no mínimo, três reformulações para que se atingisse o objetivo da questão. A analogia com hospício e pessoa doida só é percebida pelo informante quando o inquiridor refaz a pergunta dando ênfase maior ao item hospital. Assim, o informante completa a frase com a resposta esperada.

#### Diálogo 2

INQ.- Que nome se dá para uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada em um hospício?

INF.- *Loca, perturbada, desequilibrada...*

INQ.- Tem mais algum outro nome?

INF.- *Doida.*

(Informante 4 – Manaus)

Já no Diálogo 2, a informante traz várias informações sequenciais (*louca*, *perturbada*, *desequilibrada*), mas sem se referir a *doido*. A informante completa o seu raciocínio quando o inquiridor questiona se há mais algum nome para aquele doente.

#### Diálogo 3

INQ.- Que nome se dá para uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada em um hospício?

INF.- *Louca.*

INQ.- Que outro nome eu posso dar, louca?

INF.- *Descontrolada, descompensada*

INQ.- Mas e se a pessoa vai fazer uma coisa perigosa a gente diz “você é... de fazer isso?”

INF.- *Louca, doido*

(Informante 8 – Porto Velho)

O Diálogo 3 traz as mesmas características que os Diálogos 1 e 2: a informante também contribui com outras variantes, consideradas parassinônimas, e o item é mencionado quando o inquiridor insere a situação de perigo.

#### Diálogo 4

INQ.- Que nome que vocês dão para uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, tem até que ser internada no hospício?

INF.- *Louco.*

INQ.- Isso, ou então...

- INF.- *Doente mental.*  
 INQ.- O que mais que eu posso dizer?  
 INF.- *Lelé.*  
 INQ.- O que mais?  
 INF.- *Pirado, doido.*

(Informante 5 – Macapá)

No Diálogo 4, a única estratégia foi pedir sequencialmente os sinônimos para cada uma das formas obtidas: *louco, doente mental, lelé, pirado* e, em seguida, o inquiridor reforça o questionamento para obter a variante esperada.

Em muitos casos, diante do esquecimento do informante, após algumas tentativas para obter o item em questão, o inquiridor é orientado a não insistir demasiadamente para não constranger ou cansar o informante, mas deixar para o final da entrevista as questões não respondidas. Nessas circunstâncias, é muito importante contar com um auxiliar que irá anotando as questões não respondidas e que serão retomadas depois de concluído todo o inquérito. Utilizando o recurso da retomada, o entrevistador dá mais uma chance para o informante tentar se lembrar das respostas esquecidas.

Alguns entrevistadores, para a questão 138, recorreram a músicas populares que contêm o item *doido*, como a dos Mamonas Assassinas (“você me deixa *doidjão*”), ou a música de abertura da série humorística de televisão, da época, “Os normais” (“você é *doida demais, doida, doida, muito doida...*”). A referência à música dos Mamonas Assassinas não parece adequada, por já sugerir uma forma recorrente na fala do Nordeste, mas não nas demais regiões do país.

Os diálogos a seguir ilustram algumas retomadas e seus resultados:

#### Diálogo 5

- INQ.- Ficou faltando responder essa pergunta: Que nome se dá pra pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até internar...  
 INF.- *Braba.*  
 INQ.- É mas não tem um outro nome, né?  
 CIR.- *Loca.*  
 INF.- *É louca, maluca, raivosa. É loca.*  
 INQ.- É, esse você já tinha falado. Queria outra palavra. Por exemplo...  
 INF.- *Furiosa, irada.*  
 INQ.- Você tá assim.  
 INF.- *Irada, irada.*  
 CIR.- *Maluca.*  
 INQ.- Não. Não, mas vamos ver, deixa eu ver. Ah, por exemplo. Você tá, foi lá, trabalhou muito, você tá suado, você tá querendo muito tomar um banho, você diz: ai, eu estou o quê, por um banho?  
 INF.- Eu tô *doido* prá tomá um banho (risos).

- INQ.- É. Esse doido usa também aqui?  
INF.- Usa, usa, *doido*, malu(?= maluco) oh, o que mais usa aqui é a pessoa, doido:  
“oh, seu doido”, doido, doido, doido.  
INQ.- Então tá bom.

(Informante 3 - Florianópolis)

#### Diálogo 6

- INQ.- Que nome se dá pra uma pessoa que fica furiosa, fica agressiva, precisa até ser internada no hospício?  
INF.- *Loca*.  
INQ.- Ou então...?  
INF.- *Nervosa*.  
INQ.- Ou então? Da outra vez você também deu trabalho essa palavra.  
INF.- *Incontrolada*.  
INQ.- Isso.  
INF.- *Desequilibrada*.  
INQ.- Mas, é mais simples ainda. A gente diz assim, que, por exemplo, um viciado, né? Quando ele toma a droga ele fica muito...?  
INF.- Muito *loco*.  
INQ.- Ou então, muito..?  
INF.- *Noiado?* sei lá.  
INQ.- Tem outra palavrinha.  
INF.- *Retardado?*  
INQ.- (risos) Depois nós vamos perguntar.

(Informante 1 - Curitiba)

#### A propósito da Retomada:

- INF.- Ah tem, tem sim, quer ver: “Você é... Você é...” (recorrendo à música de abertura do programa humorístico Os Normais)  
INF.- *Doida?*

(Informante 1 - Curitiba)

#### Diálogo 7

- INQ.- Quando uma pessoa às vezes fica agressiva e tem que se internar num hospício... ela?  
INF.- *Loca*.  
INQ.- Louca, qual outro nome você tem?  
INF.- *Loca*, ela fica... *paranóia* (risos)  
INQ.- Não tem, não sei se você conhece, aquela música dos Mamonas Assassinas: “Você me deixa...”  
INF.- *Doida, doida*.

(Informante 2 - Curitiba)

## FINALIZANDO NOSSA REFLEXÃO

Tratando das dificuldades de obtenção de certos itens lexicais como respostas ao QFF do ALiB, retomamos neste texto as advertências de Buesa Oliver e Flórez (1954) para o Atlas Linguístico e Etnográfico da Colômbia: (i) formular a pergunta sempre do mesmo modo a todos os informantes de todas as localidades, lembrando que, se se altera a questão, é provável que se altere a resposta esperada (no caso do QFF). Na aplicação do QFF do ALiB, esse princípio foi respeitado por todos os entrevistadores que iniciaram o questionamento pela proposta do QFF; (ii) utilizar métodos indiretos: gestos, torneios de frases, analogias, fotos, desenhos, isto é, pressionar diretamente o informante.

Acreditamos que a maioria dos inquiridores se valeu de vários recursos para ativar a memória do informante para os sinônimos ou parassinônimos que podem designar a pessoa naquele estado mental, chegando até mesmo àquela pressão, mencionada por Rousselot (apud POP, 1950) sob a forma de uma “arte bem sutil, uma diplomacia bem exercida, para obter, sem violência, as formas buscadas”.

Direcionando os resultados para a análise das estratégias realizadas pelos inquiridores das capitais Norte e Sul, observamos que: (i) na maioria dos casos, houve a insistência e a reformulação da questão, além de retomá-la no final da entrevista, até chegar à variante desejada, fato que explica o número significativo de parassinônimos; (ii) os inquiridores utilizaram estratégias que relacionam semas que podem levar à resposta *doido(a)*, como o conhecimento de mundo, trazendo exemplos de músicas que incluem o léxico em sua composição, situações de perigo que normalmente levam à expressão “*você tá doido*” ou contextos cotidianos como “*estou doido para tomar um banho*” ou “*doido de vontade de comer algo*”; (iii) a variante pode ser considerada um tabu ou não estar no vocabulário ativo do informante. Por exemplo: na Região Norte não se registrou nenhuma abstenção, enquanto na Região Sul, seis informantes, embora instados por várias estratégias, não realizaram a variante desejada.

Este estudo demonstrou, igualmente, que não há como prever a possibilidade de o informante, apesar de conhecer o nome em questão, usá-lo em outro contexto que não seja o de nomear uma pessoa furiosa ou agressiva. Não se pode descartar, todavia, a dificuldade do entrevistador de, no momento da entrevista, reformular a questão de modo a deixá-la mais clara para o informante, tendo em vista que cada informante é único e traz uma história única. De qualquer forma, esperamos que essas reflexões sejam úteis a todos aqueles que se aventuram em pesquisas de campo, onde as surpresas são a regra e não a exceção.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. Os múltiplos desafios na elaboração de um atlas lingüístico. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 5., 1992, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 1992. v. 1. p. 1-12.
- AGUILERA, V. de A. Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB): primeiros estudos lexicais. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2., 1998, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 1998. p. 1808-1816.
- AGUILERA, V. de A. Sobre os inquéritos experimentais do Atlas Lingüístico do Brasil: ainda discutindo os questionários. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 3, p. 175-189, set. 2000. Disponível em: <<https://bit.ly/2jXYL4Q>>.
- AGUILERA, V. de A. A metodologia e sua aplicação em campo. In: CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Introdução. Londrina: Eduel, 2014. v. 1. p. 95-111.
- AGUILERA, V. de A.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 11, n. 2, p. 15-31, dez. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2rADmlN>>.
- AGUILERA, V. de A.; AMÂNCIO, R. G.; PAES, G. M. C. O conhecimento de mundo e a produção lexical na pesquisa geolingüística. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 16., 2003, Londrina. *Anais...* Londrina: Eletrônica, 2003.
- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- BRANDÃO, S. F.; MORAES, J. A. A geolingüística no Brasil: resultados e perspectivas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 9., 1998, Campinas. *Anais...* Campinas: Unicamp; UEEL, 1998. v. 4.
- BUESA OLIVER, T.; FLÓREZ, L. *El atlas lingüístico-etnográfico de Colombia (ALEC): cuestionario preliminar introducción*. Bogotá: Centro Virtual Cervantes, Thesaurus, t. X, 1954.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Introdução. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Cartas linguísticas 1. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2.



COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*: questionários. Londrina: Ed. UEL, 1998.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*: questionários. Londrina: Ed. UEL, 2000. (Versão revista e adaptada para estudos durante o II Workshop de preparação de inquiridores para o Atlas Lingüístico do Brasil).

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*: questionários 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PONTES, I.; AGUILERA, V. de A. Questionário geolingüístico: uma proposta de reorientação metodológica. *Estudos Lingüísticos*, Bauru, v. 28, p. 238-244, 1999.

POP, S. *La dialectologie: aperçu historique et méthodes d' enquêtes linguistiques*. Louvain: Université Catholique de Louvain, 1950. Disponível em: <<https://bit.ly/2wyGxjB>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

RECTOR, M. (Org.). *Questionário básico de trabalho de campo lingüístico*: revisão crítica do Questionário do Atlas Lingüístico de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983.

SILVA, G. A. da; AGUILERA, V. de A. Os atlas lingüísticos brasileiros e o inquiridor: em busca de uma metodologia adequada. *Signum*: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 12, n. 1, p. 317-341, jul. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2KW0Omg>>.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle. In: ENGLEBERT, A. et al. *Actes do XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998. p. 367-388.